para ELA em especial

O GRÃO DE AREIA

Manhã cedo telefonou-me a minha amiga Kukas. A Kukas é formidável. Faz parte daquele pequeno «exército» de mulherzinhas valentes, dos «braves petits soldats» cuja coragem os olhos dos familiares e dos que lhes estão mais próximos não medem porventura até ao fundo; faz parte daquele núcleo de mulheres um pouco «bizarras», peculiares, que desorienta de certo modo esse desinteressante aglomerado a que se dá o nome de «sociedade», ou esse outro, ainda mais desinteressante, das «burguesas instaladas», onde às vezes se é chamado com amigável curiosidade, como bicho raro e desconcertante que se transige em receber, reconhecidos que foram as suas qualidades de coração, mais uns dotes artísticos visíveis embora não profundamente avaliados.

Perdoa-se-lhes assim o NÃO que dizem, NÃO a uma (falsa) escala de valores, a todas as regras e convenções (de comportamento, de pensamento e de julgamento) de que não precisam, ao contrário desses pobres mortais, porque a sua estrutura interior é muito mais forte do que todas as muletas deles...

A Kukas, que prepara nova exposição, teve o atraso de uma doença que durou semanas, e resolveu averiguar a causa das corrosivas e assassinas alergias. Pelas análises feitas ficou a saber que é alérgica ao bolor e ao mofo que cobrem o tecto e algumas paredes da sua linda casa da Costa do Castelo.

Como a senti um pouco abatida perante a luta a empreender novamente junto do senhorio, e para a estimular, transcrevo uma notícia em sua intenção, notícia que há meses li e apartei como um remédio que se guarda na gaveta para o que der e vier...

«... Sòzinha saí a combater um simples muro, e tenho agora na minha frente uma indústria inteira!

«Vivo em França, numa cidade-mártir da última guerra, incluída, portanto, em 1948 num plano e num programa de reconstrução. Plano e programa que baniam das áreas residenciais as indústrias ruidosas, mas lei que não foi aplicada e os industriais reconstruíram as antigas fábricas dos pais e avós.

«Habito numa casa muito agradável construída por meus pais em 1903 e numa zona reservada agora apenas a casas de habitação.

«Um único ponto negro: nas traseiras da casa, uma fábrica construída em 1912 numa era em que não havia ainda um Ministério da Reconstrução, e onde cada qual construía de maneira anárquica.

«A fábrica é barulhenta e provoca trepidações, mas como é um abarracamento de um só piso não nos tirava o sol e a resignação era geral.

«Um dia, porém, há dois anos já, vejo começarem a demolir os telhados, e inquietei-me. Protesto por carta registada com aviso de recepção junto do presidente da Câmara e do director-geral da Reconstrução. Protesto quatro dias seguidos com as cartas registadas e assim continuaria se não se tivessem resolvido a responder-me: «Procedemos a um inquérito e mantê-la-emos ao corrente das averiguações.»

«O tempo corre. Em dois meses a ala sul do abarracamento eleva-se à altura de 11 metros, «écran» perfeito contra o sol nascente, quando o plano só autoriza a altura de cinco metros e meio.

«Apetrecham-na de máquinas e material pesado, enquanto as obras se transferem para a ala norte.

«Informo-me junto da delegação do M. R. L. Recebem-me com impaciência, quase com grosseria. Dou um salto à Biblioteca Municipal, onde peço o «Jornal Oficial». A sua leitura é deveras interessante.

«Lanço-me então à procura de um advogado especializado nos assuntos administrativos. Manda-me escrever uma carta, que fica sem resposta.

«Dirijo-me ao tribunal administrativo e interponho um recurso.

«No decorrer da instrução do processo descobriu-se que haviam sido pedidas e dadas DUAS licenças de construção para a dita fábrica. Uma, referente à ala sul, infelizmente terminada, e outra referente à ala norte, onde principiavam as obras.

«O tribunal anula a licença dada para a ala sul, por incompetência, e suspende a obras na ala norte. Alguns meses mais tarde essa segunda licença é também anulada.

«Do outro lado da rua havia uma fabriqueta que ardera completamente pouco tempo antes.

«Normalmente não deveria ser reconstruída no mesmo lugar. Mas eis que o industrial obtém a licença de reconstruir aí, violando todas as leis que eu tivera ocasião de conhecer de perto através do meu anterior combate.

A lógica...

«Como amo a lógica, parecia-me difícil não tornar a intervir...

«Atirei-me de novo para a arena, ao assalto da licença novamente dada. Peço um embargo e a anulação, e obtenho o embargo.

«Mas não fico por aí.

«Como preciso de vigiar os editais da Câmara para impedir que a administração (julgando, perante as duas anulações obtidas, que eu me deitei a dormir) passe outra licença que revalide puramente as anteriores, porque para essa eu não teria interposto recurso, vou lá todos os meses.

«Uma manhã deparo com nova licença dada a um industrial da mesma indústria, noutra zona de habitação.

«Já agora... e só para «seringar» a administração, apresento um protesto...

«Esperem, não é tudo.

«Entretanto dirijo os meus esforços para que se reponha a primeira fábrica, a dos meus pesadelos, no seu primitivo estado, com a primitiva altura.

«Não tenho ilusões, sei que será difícil.

«Mas devo esclarecer que na minha casa a loiça tilinta nos armários, os candeeiros balouçam, o estuque do tecto enche-se de rachas...

«Então arre-arre-cavalinho: intimação ao industrial, carta ao presidente da Câmara, pedido de nomeação de um perito, acção de indemnização por perdas e danos.

«Ao todo sete processos! Quanto às despesas, ainda não somei o total, tenho tido mais que fazer. (Os meus amigos dizem que um dia destes ainda apanho um tiro...)

«... Mas o que é preciso fazer notar é que as licenças são sempre dadas sob reserva dos direitos de terceiros. Eles que os façam valer.

«É o que eu faço! Já que isso é connosco!»

Pois. Há mulheres assim. Para empenar a máquina de embrutecimento dos homens basta às vezes um grão de areia. Mulheres-grão-de-areia, coragem-grão-de-areia envolta na mais enternecedora fragilidade e vulnerabilidade, coragem que engana e confunde, eu vos saúdo.

ISABEL DA NÓBREGA